

REQUERIMENTO DE VOTO

REQUERIMENTO visando inserir em Ata dos Trabalhos desta Casa **VOTO DE PESAR** pelo falecimento da jovem Cibelle Monteiro Alves.

AUTOR: Vereador **Clóvis Girardi**

Senhor Presidente,

O vereador que este subscreve, no uso de suas atribuições legais e regimentais, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, requerer que, após ouvido o Plenário, seja consignado na ata dos trabalhos desta Casa Legislativa **VOTO DE PESAR** pelo falecimento da jovem Cibelle Monteiro Alves, de 22 anos, vítima de feminicídio ocorrido na noite da última quarta-feira, dia 25 de fevereiro de 2026, e que sejam apresentadas as devidas condolências aos seus familiares e amigos.

Cibelle foi brutalmente assassinada pelo ex-namorado, Cássio Henrique da Silva Zampieri, de 25 anos, que não teria aceitado o fim do relacionamento de seis anos. Segundo as investigações, Zampieri foi até a joalheria onde a jovem trabalhava, no Golden Square Shopping, portando uma réplica de arma de fogo e uma faca. Ele perseguiu a ex-companheira e a feriu com um golpe de faca no pescoço, tirando-lhe a vida. Em seguida, fez uma pessoa refém até a chegada da polícia, sendo alvejado pelos agentes que, durante a negociação, não sabiam que se tratava de uma réplica.

Este parlamento não pode silenciar diante de mais uma vida jovem ceifada pela violência de gênero. Cibelle tinha toda uma vida pela frente, sonhos a realizar, uma família que a amava e amigos que a queriam bem. Sua partida precoce deixa uma dor imensurável e escancara mais uma vez as feridas abertas de uma sociedade que ainda não aprendeu a proteger suas mulheres.

Neste momento de dor tão imensa, minha primeira palavra não poderia ser dirigida a outro lugar senão à família, aos amigos, a todos que amavam Cibelle. Não há discurso, não há pronunciamento, não há voto de pesar que alivie a dor que vocês estão sentindo. Não há palavra que preencha o vazio que fica quando uma vida é ceifada de forma tão violenta e tão injusta. Sabemos disso. E, por isso, nosso silêncio respeitoso diante da grandiosidade do sofrimento de vocês é, talvez, a maior demonstração de solidariedade que podemos oferecer neste momento. Mas queremos que saibam: vocês não estão sozinhos. Esta Casa, esta sociedade, este parlamento se solidariza com a dor de vocês e se coloca ao lado da memória de Cibelle.

Que Cibelle seja lembrada não pelo crime bárbaro que encerrou sua vida, mas pela luz que foi enquanto viveu. Que seja lembrada pelo seu sorriso, pelos seus sonhos, pelas



suas lutas, pelo seu jeito único de estar no mundo e de tocar o coração de quem a cercava. Que a memória dela seja abençoada e que Deus, na sua infinita misericórdia, conforte o coração de cada um que hoje chora sua partida. A dor da família de Cibelle é a dor de toda a sociedade, e é a partir dela - e somente a partir dela - que podemos começar qualquer reflexão que preste.

Mas, se o silêncio é necessário para respeitar a dor, a voz é indispensável para combater a injustiça. E é por isso que, com todo o respeito que a memória de Cibelle merece, precisamos transformar nossa indignação em compreensão e nossa tristeza em análise profunda.

Durante séculos, construímos uma narrativa que separa características humanas em dois grandes grupos: o que seria "próprio de homem" e o que seria "próprio de mulher". Força, coragem, racionalidade, domínio de um lado, sensibilidade, cuidado, emoção, submissão de outro. Essa divisão artificial não é inocente. Ela serviu e ainda serve para justificar desigualdades, para naturalizar violências e para limitar o que cada pessoa pode ser.

O problema é que essa separação não corresponde à complexidade do ser humano. Todos nós, independentemente de gênero, somos capazes de força e de sensibilidade, de razão e de emoção, de agressividade e de cuidado. A diferença é que fomos ensinados, ao longo da vida, a reprimir algumas dessas características e a exaltar outras, dependendo do gênero ao qual pertencemos.

E é exatamente essa educação diferenciada que está na raiz do machismo e da violência contra a mulher. Quando ensinamos meninos que eles não podem chorar, que precisam ser duros, que demonstrar afeto é fraqueza, que precisam "dominar" e "controlar", estamos moldando homens que não sabem lidar com frustração, com rejeição, com a própria vulnerabilidade. E quando esses homens se veem diante de situações emocionalmente desafiadoras - como o fim de um relacionamento - muitos não têm ferramentas internas para processar essa dor senão pela via da agressão, do controle, da violência.

O homem que mata a ex-companheira porque não aceita o fim do relacionamento não é um "monstro" inumano. Ele é, antes de tudo, um ser humano que foi moldado por uma cultura que o ensinou que ele tem direito de posse sobre a mulher, que sua dor deve ser externalizada com violência, que sua masculinidade está ameaçada quando perde o controle. Isso não o absolve - sua responsabilidade é total. Mas nos ajuda a compreender que o problema não é de alguns indivíduos "doentes", mas de uma cultura inteira que precisa ser transformada.

Precisamos, como sociedade, romper com essa divisão artificial de características humanas. Precisamos educar todas as pessoas - independentemente de gênero - para



desenvolverem o espectro completo do que é ser humano: a capacidade de amar e de cuidar, mas também a capacidade de respeitar limites; a força para proteger, mas também a humildade para acolher; a coragem para enfrentar desafios, mas também a sabedoria para lidar com frustrações; a paixão, mas também o autocontrole.

O feminicídio não é um problema de mulheres. Não é um problema apenas de homens agressores. É um problema humano, que diz respeito a todos nós, porque nasce de uma forma doente de organizar as relações humanas baseada na desigualdade, na posse e na violência.

E é exatamente essa compreensão que nos convoca à ação. A luta pela vida e pela dignidade das mulheres é responsabilidade de todos nós. Precisamos cobrar e exigir que todas as instâncias de poder - Executivo, Legislativo, Judiciário, polícias, escolas, famílias - trabalhem efetivamente para romper com este ciclo de violência.

O caso de Cibelle escancara, de forma cruel, que não basta existir lei; é preciso que a lei seja cumprida, que as medidas protetivas sejam monitoradas, que o agressor seja efetivamente afastado e contido. Cibelle buscou proteção. Cibelle buscou acolhimento. E o sistema falhou com ela. Por isso, ao mesmo tempo em que nos curvamos diante da sua memória, erguemos a voz para clamar por justiça e por transformação.

É preciso que os responsáveis pela execução das políticas públicas sejam empáticos, que as vítimas sejam acolhidas com seriedade e que os agressores sejam punidos com rigor. É preciso, também, que as questões emocionais envolvidas na violência sejam levadas a sério. As emoções dos agressores são frequentemente usadas para justificar seus atos - "ele estava possesso", "ele não se controlou", "ela o provocou". Mas raramente essas mesmas emoções são consideradas no atendimento à vítima, no acolhimento que ela recebe, no encaminhamento para uma situação mais segura. É preciso que o sistema de proteção à mulher compreenda a complexidade emocional envolvida em cada caso e atue de forma integrada, oferecendo não apenas a medida protetiva no papel, mas um acompanhamento real, efetivo, que considere o risco iminente e a necessidade de afastamento concreto do agressor.

A luta pelo fim do feminicídio é, portanto, a luta por uma nova forma de ser humano. É a luta por uma sociedade onde ninguém seja ensinado a dominar e ninguém seja ensinado a se submeter. Onde todas as pessoas possam desenvolver livremente suas capacidades emocionais, afetivas e sociais, sem a camisa de força dos estereótipos de gênero.

Que a morte de Cibelle não seja apenas mais uma estatística. Que sua história nos incomode, nos mobilize e nos transforme. Que a dor da sua família encontre, na luta por justiça, um alento - ainda que pequeno diante da imensidão da perda. Que cada pessoa que tomar conhecimento deste crime faça uma profunda reflexão sobre suas próprias



atitudes e sobre o tipo de ser humano que tem cultivado em si mesma. Que as mulheres se sintam cada vez mais fortalecidas para denunciar e para buscar ajuda, sabendo que estamos lutando para que o sistema as proteja. E que o Poder Público se estruture para oferecer o acolhimento e a proteção que Cibelle buscou, mas não encontrou.

Que possamos, um dia, construir uma sociedade onde ninguém precise provar sua "masculinidade" pela violência, onde ninguém seja ensinado a se calar diante da agressão, onde todas as pessoas possam simplesmente ser humanas - na inteireza, na complexidade e na beleza que isso significa.

Que Deus conforte o coração da família e dos amigos de Cibelle Monteiro Alves. Que a força do amor que sentem por ela seja maior do que a dor que hoje os consome. E que a justiça seja feita - não apenas com a punição dos culpados, mas com a transformação de uma cultura que ainda mata mulheres todos os dias neste país e de um sistema que ainda falha em protegê-las.

Descanse em paz, Cibelle. Sua memória será nossa luta. Sua dor será nosso combustível. E sua história não será esquecida.

Desta forma, REQUEREMOS que seja incluído em ata dos trabalhos desta casa **VOTO DE PESAR** à família enlutada, em homenagem à memória de **Cibelle Monteiro Alves**.

Plenário “João Raposo Rezende Filho - Zinho”, 3 de março de 2026.

CLÓVIS GIRARDI

Vereador

